

BRANCO, CLASSE MÉDIA, ADULTO, ESCRITOR. E EXCLUÍDO

Reginaldo Pujol Filho*

Resumo:

Apresento aqui algumas anotações e rascunhos que venho fazendo durante a escrita de meu romance *Só faltou o título*, que será apresentado como dissertação no mestrado em Escrita Criativa da PUC-RS. Percebi que venho construindo um personagem no mínimo paradoxal. O protagonista do romance, Edmundo, embora possua todas as características mais recorrentes entre os personagens dos romances brasileiros contemporâneos, se o observarmos de uma outra maneira, pode ser entendido como um personagem, uma figura não representada em nossa literatura. Uma categoria que chamo aqui de Escritor Invisível.

Palavras-chave: Escrita Criativa; Romance; Personagem

(...) país que por mim poderia explodir neste exato momento, arrebatando com William Bonner, Gusmão, Editora Record, livreiros ignaros, Milton Hatoum, Moacyr Scliar, Dalton Trevisan, Silviano Santiago, Amílcar Sei lá o Quê, Marcelino Qualquer Coisa, Luiz Ruffato, João Noll e todos os queridinhos da imprensa e estas caixas todas,

estas caixas,

estas caixas,

estas caixas,

estas caixas empilhadas à minha frente, catso, as outras na cozinha, se Babi houvesse perguntado, sim, minha cara, é nisso também que estou trabalhando, Babi: no que fazer com estas caixas, deixá-las caírem sobre mim, soterrarem-me, ah, Gusmão, seu grandessíssimo picareta, sequer me atendeste, puseste aquela boneca autômata a falar comigo, provavelmente sentada no teu colo, vagabunda, Desculpe senhor Edmundo, mas se o senhor estiver conferindo o contrato vai estar vendo que não nos responsabilizamos pela distribuição nosso foco é a produção em alto nível de materiais gráficos de primeira quali, então por que fazem livros, larápios, acaso tenho cara ou jeito de caixeiro viajante ou testemunha de Jeová para sair batendo de porta em porta comercializando meu romance? Acham que pareço um hippie cabeludo e pederasta para sair vendendo livros, incenso e badulaques naqueles botequins insuportáveis e insalubres da Cidade Baixa que a Babi achava o máximo frequentar? Eu tenho que escrever, produzir, não comercializar, meus caros estelionatários, e quantos livros haverá nessa parede postiça que se ergue à minha frente e tanto incomoda a sensibilidade decoradora de minha companheira, Isto tem que sair um dia daí; Ai de ti que invente de publicar mais um livro; Agora deu né Ed, e o que me aflige não é o repetitivo discurso de Babi, é ter que admitir que ela tem razão: não sei o que fazer com estes livros, devem ser quase mil, se os picaretas não me trapacearam também no número de volumes impressos, não duvido, é uma

* Escritor, mestrando em Escrita Criativa da Faculdade de Letras da PUC-RS (bolsista CAPES), sob orientação do Professor Doutor Ricardo Araújo Barberena. Contato: reginaldo_pujol@yahoo.com.br

hipótese setecentos por cento plausível. Sinto que fui enganado por meu editor. (Pujol Filho, em elaboração, p. 66)

Fique à vontade para decidir vou atender o telefone, e lá vai ele extorquir alguém do outro lado da linha, vinte reais, apenas quatro livros,

$$48 \times 5 = 240,$$

quicá eu possa propor-lhe então que fique com toda a caixa de livros por este ominoso custo unitário, já será alguma coisa, humilhante, é verdade, pornográfico, obscenamente humilhante, entretanto não posso esquecer: é nas livrarias de segunda mão onde circulam os verdadeiros amantes da literatura, não é nos shopping centers, nas grandes boutiques de livros, lá estão as Tatianas Fagundes, os chulos que creem que sacolas de livrarias e grossos volumes coloridos embaixo do braço maquiam sua horripilante estupidez, aqui não, eu mesmo, nos tempos dos bancos acadêmicos, fui frequentador de sebos, era o que me restava, outros grandes leitores aqui circularão, é possível querer compreender este desconto aviltante como um investimento, aqui *Herança dos mortos* alcançará as mãos certas, os leitores atentos, não os imbeciloides de barbichinhas e brincos e calças rasgadas os quais frequentam aquele antro da Palavraria, onde primeiro disseram-me que nenhum livro havia sido vendido em quase um ano, então, perguntados onde estavam meus livros, saíram-me com essa: Está no estoque. Quase lhes disse que exigia que os colocassem na vitrine naquele exato instante, porém o outro me perguntou se preferia retirá-los da loja, ora, vê-se que não sabe nada, meu bom hippie barbudo, dei-lhes uma chance, mês que vem retorno lá, contudo aqui, chamo o meu e meu miserável Cointet, digo-lhe que Tenho uma contraproposta, enquanto ponho minhas cartas na mesa observo seu cenho franzir e, Não é um bom negócio para mim não tenho uma caixa nem de Harry Potter aqui, ele redargui com sutil ironia e preciso manter meu controle, ora, Harry Potter, não faço ideia do que seja esta asneira, contudo é inadmissível tal comparação, tenho certeza disso, ele retoma a palavra, diz que me compra cinco livros e, se eu quiser, posso trocar mais cinco, Por três daquele balaio, aponta-me uma caixinha amontoada de livros. Vinte e cinco reais, dez livros a menos, preciso de uma bebida, de um bom Hilton, isso já foi longe demais, (Pujol Filho, em elaboração, p. 78)

A pesquisa *Personagens do romance brasileiro contemporâneo*, entre outros dados levantados, trouxe à luz uma informação que foi bastante explorada, com curiosidade por alguns, com surpresa por outros, mas que ganhou bastante espaço: observando-se as principais ocorrências em cada tabela da pesquisa, o personagem do romance brasileiro contemporâneo é um sujeito branco, de classe média, idade adulta e é escritor.

É escritor.

A responsável pela pesquisa, Regina Dalcastagnè, especula razões para esse resultado, dizendo que provavelmente “reflete a tendência da literatura de se debruçar sobre o próprio fazer literário” (Dalcastagnè, 2005, p.41). Faz sentido. Mas esta

observação também pode ser cruzada com algo que o professor e escritor Luiz Antonio de Assis Brasil não se cansa de repetir em aulas, entrevistas e artigos, ou seja, que “salvo exceções, as narrativas contemporâneas são escritas na primeira pessoa do singular” e que “a ‘escrita do eu’ torna-se esmagadora entre os escritores situados na faixa dos 20-40 anos” (Assis Brasil, 2013). E assim vamos chegando a um lugar comum que todos aqui já devem ter escutado: há livros demais sobre escritores sendo produzidos hoje em dia. É um sentimento, julgo, recorrente em conversas sobre literatura.

Pois convido o leitor a ler mais uma vez os trechos com os quais abro este texto. São esboços do romance que estou escrevendo como dissertação em Escrita Criativa na PUC-RS e, confesso, seu protagonista é um escritor. Algo sobre o qual muitas vezes pensei: mais um escritor? Porém a força do romance (ao menos para mim, é uma ideia que me atormentava já há anos) me impelia a seguir escrevendo. Contudo, nos últimos tempos, comecei a perceber uma característica de Edmundo, o personagem, que talvez explique o porquê de eu nunca haver me preocupado tão profundamente, a ponto de desistir, por estar escrevendo mais um livro sobre um escritor.

Percebi que estou escrevendo um livro com um protagonista homem, branco, de classe média e escritor, mas que, ainda assim, estou dando voz a um personagem excluído da literatura brasileira. Sim, Edmundo estaria no topo de todas as tabelas da pesquisa que mapeou o personagem brasileiro e, no entanto, encarna alguém não representado, ou muito pouco representado, em nossa literatura. Tentarei explicar.

Existe um grupo crescente e em expansão, senão no campo literário, na sua periferia, que pouco é comentado, para não dizer que sequer é comentado. Por acaso, Dalcastagnè, ao definir o recorte da sua pesquisa, tangencia este grupo, este personagem, ao argumentar que:

Não é possível equivaler um livro lançado por um romancista consagrado, comentado na grande imprensa, exposto nas livrarias, adotado nas universidades, com uma obra de edição caseira, distribuída apenas aos parentes e amigos do autor. Sem que haja aqui qualquer julgamento de valor literário, esta última obra não gera efeitos no campo literário e, portanto, não pertence a ele. (Dalcastagnè, 2005, p.23)

E é justo dele que estou falando. Não do escritor reconhecido pelo sistema, mas do autor de “edição caseira” que “não gera efeitos no campo literário”. Porém é preciso lembrar que as edições já não são mais tão caseiras assim. E só por isso figuras como Edmundo podem surgir. Este personagem, que poderíamos chamar, e façamos assim, de Escritor Invisível, há algumas décadas, não existia, ou seria uma raridade, ou, no mínimo,

teria um discurso um pouco diferente. Nos tempos pré-impressão digital, pré-eliminação do fotolito, pré-tantas evoluções da indústria digital, ele seria talvez o Escritor de Gaveta, o gênio incompreendido, autor de inúmeros manuscritos jamais aceitos pelas editoras, incapazes de reconhecer o seu talento. O Escritor de Gaveta, embora revoltado com o seu anonimato, ao menos podia apontar o dedo contra um grande inimigo: as insensíveis editoras que impediam que seu texto tomasse a forma de um livro. Este sujeito sequer sentia-se capaz de assumir-se escritor, visto que não tinha acesso ao documento de identidade do escritor: o livro impresso, com selo de uma casa editorial, ISBN e registro na Biblioteca Nacional. Um parêntese: nas décadas de 70 e 80, alguns Escritores de Gaveta se converteram em Escritores Marginais através de publicações de fanzines, livretos artesanais, a geração mimeógrafo, etc. E alguns desses marginais, hoje, estão no centro do sistema literário. Mas, fechando o parêntese, arrisco dizer que o típico Escritor de Gaveta não aderiu a este movimento. Xerox? Folhas Grampeadas? Não, ele não quer lutar contra o sistema. Ele quer ser louvado, reconhecido romanticamente como homem de luzes, Escritor com maiúsculas. Ou como bom “zé-ninguém” nas palavras de Wilhem Reich “é seu próprio distúrbio psíquico, não algum poder superior externo [...] que o mantém embaixo” (REICH, 2001, p.22). Este personagem traz um pouco da ilusão de Luciano de Rubempré antes da sua queda em Paris..

Mas os anos passaram. E ocorreu, por conta dos avanços tecnológicos na área de impressão e editoração, um lento e silencioso fenômeno que transmutou o Escritor de Gaveta em Escritor Invisível. Se o grande empecilho para o deslanchar de tantos supostos talentos literários era poder publicar um livro e fazer uma noite de autógrafos, essa questão foi solucionada, ou bastante suavizada, na última década. Infelizmente, de tão invisível que é este sujeito e suas circunstâncias, parece impossível encontrar dados oficiais e confiáveis sobre sua presença e seu histórico no mercado editorial. Mas é fato que, na primeira década dos anos 2000, houve um grande barateamento nos custos de impressão e produção de livros. Há escritores que dizem que estes custos caíram dez vezes, outros, menos afoitos, falam em diminuição pela metade. Seja lá como for, nos anos 2000, publicar uma edição do próprio livro passou a ser uma possibilidade acessível por valores que oscilavam ao redor dos cinco mil reais, parcelados, e com a promessa de um possível retorno financeiro com o comércio dos exemplares.

Um dado que não explica de todo esse fenômeno, mas permite perceber que ele está baseado na realidade é o seguinte: pense em quantas editoras você conhece. Agora deixe eu contar que, segundo o estudo “A Economia do Livro: A Crise Atual e uma Proposta de

Política” (Sá Earp e Kornis, 2005), existiam ao redor de 3000 empresas registradas como editoras no Brasil na primeira metade da década passada, sendo que mais de 500 delas lançavam pelo menos 5 títulos por ano. O que publicam todas essas editoras? Muitas delas, falo a partir de minha experiência de conviver durante dez anos dentro do universo das oficinas literárias, oferecem o sonho do livro próprio a módicas prestações, produzem antologias de oficinas, grêmios e partenons literários. Permitem que aquele que se cansa de não receber retornos das editoras ditas consagradas, mas que ainda acredita que seu texto merece e deve ser impresso em livro, se lance como escritor. E torne-se assim o Escritor Invisível.

Escritor Invisível porque, até pouco tempo atrás, era uma espécie de senso comum a ideia de que ser escritor incluía a ideia de ver seus originais publicados em livro. Contudo, quando o mundo da autopublicação trouxe um atalho e tantos lançam tantos livros por pequenas editoras ou produzidos por gráficas especializadas, surge um imenso e crescente grupo de autores que se frustram não por não terem seu próprio livro. Mas por este acontecimento, por sua noite de autógrafos, por todo seu esforço redundar em total invisibilidade. Ou como diz Dalcastagnè por não gerar “efeitos no campo literário”.

Porque, embora haja no campo da autopublicação editoras com aparatos mais profissionais que incluem até assessoria de imprensa, o acesso ao campo literário no Brasil é bastante restrito, há poucos leitores, pouco espaço na mídia, poucos espaços de legitimação, e o resultado da facilidade para publicar passa longe de ser facilidade para ser percebido como escritor. Sou amigo dos donos de uma das principais livrarias de Porto Alegre, a Palavraria, onde noite sim, noite sim, há lançamentos de livros (basta acessar o site deles para conferir sua agenda), assim como ocorre em tantas outras livrarias do Rio, São Paulo, Curitiba, Brasília, Belo Horizonte. E, em conversa sobre o tema com os proprietários, eles me afirmaram que não é raro haver lançamentos com a venda de menos de dez exemplares, apenas para meia dúzia de amigos e parentes do autor. E o que acontece com o resto da tiragem? Certamente o autor terá que distribuir, trocar em sebos, dar um jeito de espalhar sua obra, mas, como disse o escritor amazonense Márcio Souza em entrevista ao jornal Rascunho, “É mais fácil você se livrar de um cadáver do que de mil exemplares” (Souza, 2011). É como se a impressão que vem nas caixas de livros, dizendo “Cuidado Livros”, fosse uma espécie de maldição: cuidado com o seu desejo de publicar um livro.



É nesse contexto que arrisco dizer que mapeei um personagem, se não novo, pouco explorado na literatura nacional. Espécie de homem da multidão do campo literário, o Escritor Invisível está sentado, desde o início dos anos 2000, nas salas de oficinas literárias, na plateia das festas literárias, na fila de autógrafos de escritores reconhecidos, está até nas prateleiras de algumas livrarias, mas você não lê.

Lembro-me de apenas ter visto menção a esta figura como um coadjuvante do *Livro dos mandarins*, de Ricardo Lísias. Destaco os dois trechos onde o “Poeta Paulo” se revela com as características do Escritor Invisível:

Meio casmurro, apesar do enorme talento, ele vacilou entre a faculdade de letras e de editoração, até por fim fazer as duas e não se dar bem em nenhum emprego relacionado a elas. Com um livro de poesia publicado por conta própria, o rapaz ainda tentou se inserir no mundo literário, mas por algum motivo que a mulher Paula não compreendeu muito bem, não conseguiu. (Lísias, 2009, p. 188)

E

As anotações vão desde o superfaturamento que acredita ter sido feito pela gráfica que imprimiu seu livro de poesia até as ligações escusas de algumas editoras com os jurados habituais dos prêmios literários no Brasil (no exterior ele não tem muita notícia, embora esteja progredindo nas pesquisas). Por isso, nunca consideraram o livro de poemas dele. Esses criminosos não leem edições independentes. (Lísias, 2009, p. 279)

Afora esta participação especial na obra de Lísias, não tenho lembrança de haver encontrado o Escritor Invisível em minhas leituras. Há o marginal, o maldito, o consagrado, é claro, mas este ser que orbita na periferia do campo literário, com seu livro embaixo do braço para presentear um autor famoso, não recordo dele. E a lógica permite

crer que, tampouco, futuramente ele virá a ser mais representado, que dizer a ganhar voz na literatura. Ora, Regina Dalcastagnè reforça em seu artigo que a existência de tantos grupos marginalizados ou excluídos da ficção brasileira é também resultado do restrito acesso ao campo literário, da figura do autor nacional, o qual é maciçamente homem, branco, heterossexual, de classe média, urbano, uma realidade que reduziria as possibilidades de grupos sociais como negros, ou mulheres, ou gays, por exemplo, assumirem a autoridade e assim construírem vozes e personagens que os representem. Isto cria invisibilidade para os grupos excluídos, um silêncio que, ainda assim, apesar de tudo, reconhece Dalcastagnè, “raramente, pode ser quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes” (Dalcastagnè, 2005, p. 15), ou seja pelos integrantes dos grupos sociais, quando conseguem vencer as barreiras e adentrar o campo literário. Porém, no caso do Escritor Invisível estabelece-se um paradoxo quase insolúvel. Se a característica própria desse personagem e de seu grupo é o não pertencer ao campo literário, mas apenas desejar ingressar nele, caso um integrante consiga vencer as barreiras que vedam este acesso, o resultado seria a voz de um escritor consagrado (ou profissional), ou seria ainda a voz de um Escritor Invisível?

Dalcastagnè também frisa em seu artigo que:

O fundamental é perceber que não se trata apenas da possibilidade de falar – que é contemplada pelo preceito da liberdade de expressão, incorporado no ordenamento legal de todos os países ocidentais – mas da possibilidade de “falar com autoridade”, isto é, o reconhecimento social de que o discurso tem valor e, portanto, merece ser ouvido. (Idem, p. 17)

Creio que essa afirmação também dialoga com o universo do Escritor Invisível. Muitos representantes desse grupo viram no acesso à autopublicação mais do que uma ferramenta nova da liberdade de expressão (imagino que seja permitido entender essa facilidade como tal), mas como a oportunidade que faltava de encontrar seu papel de autoridade no meio literário. Contudo, a realidade comprovou que, assim como sempre teve o direito de reclamar do seu não acesso ao sistema literário, agora tem este mesmo direito, mas pode fazê-lo com seu próprio livro debaixo do braço. Porém sem nenhuma autoridade institucionalizada.

E este não é o maior dos dramas deste personagem excluído. Volto ao texto de Dalcastagnè,

Aqueles que estão objetivamente excluídos do universo do fazer literário, pelo domínio precário de determinadas formas de expressão, acreditam que seriam também incapazes de produzir literatura. No entanto, eles são incapazes de produzir literatura exatamente porque a definição de “literatura” exclui suas

formas de expressão. Ou seja, a definição dominante de literatura circunscreve um espaço privilegiado de expressão, que corresponde aos modos de manifestação de alguns grupos, não de outros. (Idem, p.17)

O Escritor Invisível, ao contrário dos grupos comentados no referido artigo, não se julga incapaz de produzir literatura. Nada disso. E isto é o mais dramático para os seus ressentimentos. Em muitos casos, julga-se altamente capaz de produzir, tanto que se permite investir cinco, dez mil reais, para trazer à luz a obra do seu talento. E no entanto é percebido (ou não percebido) pelo sistema como se tivesse o “domínio precário” do fazer literário. Ele se julga parte da literatura, mas a literatura (seja lá o que for isso) não concorda com ele. Faz lembrar aquela cena estereotipada de filmes americanos, da entrada de uma festa vip, da moda, na qual o segurança seleciona quem pode e quem não pode entrar no evento, pelo seu aspecto. O Escritor Invisível tem certeza de que pertence à festa, investe para estar lá, mas o segurança, mais do que barrá-lo, sequer percebe seus esforços para acessar a festa.

Meu romance não trata diretamente do acesso a essa festa. Não é sobre isso. Mas essa motivação e o ressentimento que, possivelmente, assisti surgir ao vivo muitas vezes, são os motores que moverão meu personagem a tomar algumas atitudes além do campo literário, entrando em contato com questões maiores, acredito. Ainda assim, tentando não fazer mais um livro sobre escritores, gosto de pensar que, por uma sutileza, por um pequeno desvio no olhar, acabei encontrando um personagem que, na sua descrição socioeconômica habita o centro do romance contemporâneo brasileiro. Mas que, na prática, está na sua borda, nas margens, tão excluído quanto tantos outros personagens calados na nossa literatura.

Referências bibliográficas

- ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de (2013). *A escrita do eu*. *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2013/10/luiz-antonio-de-assis-brasil-a-escrita-do-eu-4292500.html>> Acesso em: 09 set. 2014
- BORDIEU, Pierre (1996). *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras.
- DALCASTAGNÈ, Regina (2005). *A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004*. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 20, p. 13-71. Disponível em <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2123>>. Acesso em: 09 set. 2014
- LÍSIAS, Ricardo (2009). *O livro dos mandarins*. Rio de Janeiro: Alfaguara.
- REICH, Wilhelm (2001). *Escute, Zé-ninguém!*. São Paulo: Martins Fontes.

SÁ EARP, Fabio e KORNIS, George (2005). *A Economia do Livro: A Crise Atual e uma Proposta de Política*. Rio de Janeiro: UFRJ. Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/images/pesquisa/publicacoes/discussao/2005/a_economia_do_livro_a_crise_atual_e_uma_proposta_de_politica.pdf> Acesso em: 09 set. 2014

SOUZA, Marcio (2011). *Paio Literário Márcio Souza*. *Jornal Rascunho*, Curitiba, n. 137, p. 20-21.